

# ***REVISTA HÚBRIS***



“— Leitor irmão — hipócrita — meu semelhante!”

Vol.1 – Outubro, 2025

---



*Nas colunas que sustentam  
A Civilização  
Crescem flores doentes  
Suas folhas são como as  
Vozes da História  
Que caíram caladas  
Sem se fazer ouvir*

## *Prefácio absolutamente inútil*

**P**ara a contemporaneíssima ideologia urbanóide digitalizada (da qual nós mesmos fazemos parte), seria preferível dizer que tudo o que *Húbris* é e o que ela não é surgiu de três mentes sagazes em uma mesa de bar, regadas por cerveja falsificada – e ainda assim, supervalorizada – e, provavelmente, metanol. Ah, que gênios! somente eles poderiam pensar nisso! No entanto, essa é uma história de vergonha e fracasso, mesmo que em seu núcleo resista a alegria e a esperança. *Húbris*, nosso não-projeto coletivo, nasceu das nossas conversas, momentos de vagabundagem e celebração, em que dirigimos nossas pulsões em direção a construção de um saber mundano, que não tem direito a nada e que não presta contas ao direito. Não buscamos a atenção, no lugar da luz desejamos a fuga ao holofote; pois se trata do grito desesperado de uma geração, de uma classe e a este ponto, de uma espécie, cristalizados em jovens absolutamente desinteressantes, inúteis, desnecessários.

Nosso pensamento, embora tenha se consolidado no título, é fragmentário e diverge grandemente em estilo e opinião. Mas isso é terreno fértil para a criação de algo novo. No fim das contas, este é nosso objetivo mais geral. No campo temático? Espero que tenhamos escrito que se trata de tudo e também de nada, bem grande na capa. Chamar-se-ia de filosofia, ou crítica, pensamento; mas também História, Cinema e Música. Desejamos falar de tudo que é nosso interesse, plantar as sementes da própria impossibilidade.

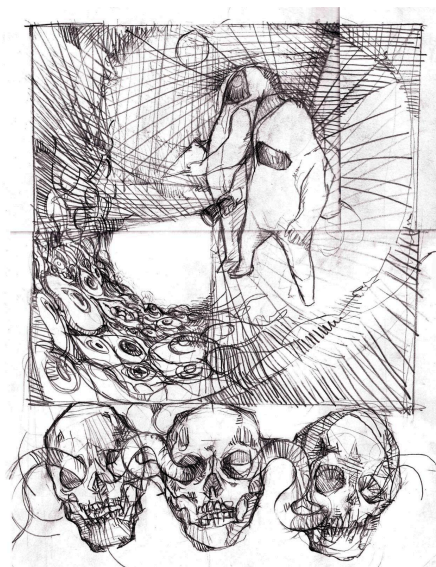
O único alicerce de tudo isso? O critério para participar na *Húbris*. Não deve ser segredo aos futuros leitores e

participantes: temos que ser de esquerda. FORMULÁRIO  
*HÚBRIS*: É DE ESQUERDA? – SE ACASO NÃO, REPROVAÇÃO  
IMEDIATA: dizem os rumores. RITUAL DE INICIAÇÃO: GRITAR  
NO MEIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS: AI, COMO SOU DE ESQUERDA, OLHA COMO SOU  
DE ESQUERDA, SOU MAIS DE ESQUERDA QUE TODOS VOCÊS.  
É ISTO NOSSA *HÚBRIS*.

## A REDAÇÃO



## *O aborto dos vadios. No lugar de uma apresentação.*



**“Há** algo em mim que é maior que eu mesmo, e isso transborda pelos meus limites se expandindo para além de tudo que eu sou”. Foi o que eu escrevi no meu diário quando experimentei pela primeira vez aquilo que Huxley chamou de Experiência Visionária. Vislumbres daquilo haviam me perseguido por toda a adolescência como uma contingência ininteligível, mas que expressavam uma Nova

Visão, uma dimensão da vida que eu vinha descobrindo através dos resquícios da experimentação inocente de um jovem mundo que se abria. As raízes disso podiam ser rastreadas até a infância, ainda que quando criança “aquilo” era puro gozo inconsciente, euforia continuada em alegria gozada em atos, explosões sentimentais extremadas, nas quais vinham se entremeando os meandros da razão e o aprendizado da “contenção”. A entrada na adolescência foi marcada por um brutal aniquilamento do orgasmo contínuo além-sexo da criança e toda essa coisa que um dia eu voltaria a experimentar no evento registrado no exato dia que abre esse texto, converteu-se em algo desesperador exatamente por restringir a possibilidade de se realizar. O que na criança era constante liberação pulsional, no jovem eu virou neurose, causa de todo deslocamento que eu sentia, todo não pertencimento ao mundo.

É inegável que essa ânsia sem nome provoca uma forma de revelação que está além do entendimento racional. Não sendo um

conhecimento objetivo, é muito mais uma força reintegrativa, que revela uma certa verdade do mundo que é efêmera, só é evidente enquanto duram os efeitos da sua expansão, só traz clareza enquanto está dilatando, enquanto a visão se abre. O afunilamento da experiência pela válvula cerebral faz com que aquela força viva te abandone, deixando somente resquícios da sua ausência, a vontade do seu retorno e um caminho a ser percorrido para encontrar respostas para as perguntas que ainda nem foram feitas. Esse caminho explode em infinitas possibilidades, conduzidas até esse ponto da história humana por três direcionamentos: o buscador pode renunciar a glória em nome da própria estupidez; pode se revoltar contra a impossibilidade da sua realização e tentar destruir o mundo; ou renunciar ao mundo que o nega pela redenção do transcendente. Aos dois primeiros há extensas críticas desenvolvidas. Da moral à política, muito se desenvolveu sobre o idiota e sobre o revolucionário, no entanto é sobre o terceiro que dirigimos nossa atenção, sobretudo por ser ele uma síntese dialética dos seus antecessores — o santo é revolucionário e idiota, e é exatamente aí que repousa sua santidade, somente na contraditoriedade dessa convergência ele é capaz de se abrir autenticamente ao divino que está buscando. Por isso, o santo é o mais claro dos buscadores, enquanto pode-se falsamente ser um revolucionário, acreditar numa revolução nem tanto revolucionária ou ser tão idiota a ponto de se enganar com a própria idiotice, o santo é sempre claro naquilo que é, não há fraude onde há sua iluminação. O santo vislumbra um novo porvir onde a profanação do mundo vai ser superada, ele nega esse mundo dado, onde a realização da sua santidade é impossível, portanto, ele se ilumina conforme desintegra aquilo que o impede. Essa força destrutiva acaba por aniquilar a si próprio, de forma que não sobra espaço onde se realize sua divinização.

Percebi tudo isso a partir da experiência inicial que clarificou tudo que eu buscava na adolescência. O que mais me violentava

nessa angústia era exatamente o lugar onde se dava esse dilema, a clarificação da dialética do santo como resposta para a perda de uma potência criativa só foi possível mudando o espaço onde eu tentava solucionar essas questões, exatamente por esse novo espaço carregar seus próprios dilemas e não uma expectativa de libertação. A *Húbris* é criada, desse modo, a partir desse choque de espacialidades sobrepostas. Do conflito de três visões contrastantes quando coletivamente abdicaram da sua individualidade para atingir a síntese dialética do santo, somente entre si e em si, num êxtase religioso ritualístico, pode-se expressar o divino, nascido de subjetividades profanas que, excessivamente orgulhosas, são idiotas e revolucionárias. Pensar a tentativa de reencarnar uma pulsão selvagem de criação a partir da figura do santo foi o ponto que cheguei quando criamos a revista. Discutindo sobre como a perda da força em uma geração massacrada pelo capitalismo tecnocrático assassino de qualquer vitalidade, que leva a impossibilidade de espaços de liberdade e atos de subversão, percebi que aí estava enraizada a angústia da minha adolescência. Um constante sentimento de deslocamento. A infância morre conforme o indivíduo é absorvido pela máquina, o elogio máximo da mentira do homem pela completa negação da sua animalidade – morre o animal, para que brote da criança o Homem, este passa a sua vida em choque com a ficção da sua universalidade –, fragmentando-se até que vire santo e encarne o animal assassinado em seu Deus transcendente e salvador, seria a Graça que o liberta da Roda a que foi condenado.

Assim, todo nascimento é precedido de assassinato na forma de morte sacrificial. O sangue derramado nos altares da civilização faz emergir todo o projeto que envolve a *Húbris*. Somos inegavelmente esquerdistas e revolucionários, mas a revolução só consegue vislumbrar o seu *theos* da transformação radical do futuro na medida em que está apoiada em violência e em uma justificativa valorativa que legitime sua revolta. A revolução é sacrifício e ritual, assim como a Eucaristia: toda santidade é perversa, de forma que a

salvação é também condenação. Se o Santo só se ilumina pela destruição, não há santidade sem guerra santa, ele só se ilumina conforme se destrói, só se salva quando destrói a possibilidade de algo ser salvo. Não há alternativa para o homem no seu horizonte em que, atingindo a salvação, ele não esteja se condenando. Só o que resta é a revolta, que é a materialização da revelação visionária quando ela tenta se externalizar, mas não encontra no mundo possibilidade de se realizar, de forma que ao invés de reconectar o indivíduo à sua realidade primal, converte-se em repressão. A revolta, portanto, é a dissociação causada pelas forças contrárias à expansão, quando qualquer experiência de desordenação não se realiza, criando isolamento, ao invés de conexão. A revolta não pode ser calada, pois ela não busca contínua liberação expansiva, ela é pura força de confronto, só quer desordenar aquilo que impede a realização da sua ipseidade.

A grande questão, o ponto inicial da elaboração deste projeto, foi que a revolta só se efetiva enquanto há espaço em que possa recriar a subversão resultada da sua confrontação, seja em atos, práticas ou movimentos. Seria possível rastrear na história da subversão em que momento ela foi tão violentamente castrada? Até que momento ela foi autêntica até ser impedida? Será que houve algum momento de subversão verdadeira de fato? No fim das contas, uma autenticidade subversiva é análoga à própria salvação da santidade: um estado inalcançável que só é possível em renúncia e desintegração.

Era isso que discutíamos quando, mais do que fundamos, descobrimos a *Húbris*, fazendo uma ponte entre essa força de criação impedida e os espaços de subversão em que ela costuma se exteriorizar e realizar. Foi quando eu percebi nesse exercício visionário traços da minha própria experiência que desencadeou toda essa busca, senti resquícios do mesmo desespero adolescente de um querer cego, Tateando no escuro — escrevemos filosofia porque temos fome! Todo intelectual quer ser santo, mas só encontra mais

fome... – A academia, desse modo, matou a filosofia, ela se traveste de saciedade e acúmulo, mas só quer perpetrar nossa gula, só quer escravizar pela mentira de uma subversão vindoura, um orgasmo retardado, enquanto nas cátedras se acumulam palavras vazias e promessas irrealizáveis. Chegamos ao centro da elaboração quando colidimos com o conceito de *húbris*, a perfeita descrição do símbolo que havíamos criado: “tudo que passa da medida, descomedimento”, exagero, excesso de confiança, de impetuosidade, em outras palavras, uma crença excessiva em uma virtude própria que acaba destruindo aquele que insiste em se exaltar. É a tragédia do herói sendo punido pela sua arrogância e a teimosia em acreditar naquilo que está sendo punido. Foi um conceito desenvolvido no pensamento grego a partir da tragédia, onde o herói atinge a sua catarse, o ponto alto do seu arco, em uma realização violenta do seu desnudamento quando ele é confrontado com a aparência da própria confiança desnudada. Aquilo que ele tinha como virtude e fonte de sua força é aniquilado por um desfecho trágico dos acontecimentos, a confiança excessiva no seu campo de forças pessoal acaba por destruir exatamente aquilo que antes encaminhava rumo à uma elevação: a fonte da força própria só se realiza quando autodestrói o sujeito que a executa. Exatamente como o santo que se dilacera conforme busca por salvação. O dilema do santo é o mesmo do herói trágico, tendo eles trajetórias correspondentes como partida em suas revelações visionário-gnósticas do mundo.

Foi aí que o conceito de *húbris* encontrou um signo que imagnetizou todo seu significado: São Jorge, ao invés de matar o dragão com sua lança – símbolo do mal encarnado em uma figura nefasta sendo destruída por um agente redentor que aniquila o inimigo pela sua divindade –, está se auto-empalando e, ao empreender tal ato sacrificial, acaba acidentalmente acertando a serpente inimiga. Essa figura opositora não é mais resultado de uma cisão maniqueísta da realidade onde a divindade só é sagrada na medida em que erradica metafisicamente o mal do mundo. Pelo

contrário, assume a forma de *ouroboros*, representação de um movimento cíclico que envolve todas as coisas, ao invés de negá-las — um movimento em que todas as coisas estão, ao invés de estar nelas. O santo se revela no mundo e na impossibilidade de se realizar, destruindo-se tragicamente nessa irrealização, atinge um ápice catártico em um suicídio ritual onde atravessa o próprio coração com a sua lança, o instrumento pelo qual ele promove sua guerra santa. A lança, então, acidentalmente acerta a cabeça do monstro quimérico que domina o ciclo envoltório do sagrado. Quando o santo expressa sua *húbris*, ele sem querer destrói o ciclo invencível contra o qual ele estava lutando, assume uma centralidade que se volta contra o próprio centro e isso se dá na exata superação de qualquer noção de referência ou espacialidade.

Criamos essa imagem para exprimir a situação da nossa geração, a desolação de não só não ter pelo que lutar, mas acima de tudo ter um fardo muito grande para enfrentar e não encontrar maneiras efetivas de confrontá-lo. Nessa debilidade geracional, perdeu-se a possibilidade de uma potência criativa, capaz de criar subversão e revolta genuínas, gerando antes uma neurose coletiva que se volta à repressão de qualquer forma de resistência ao maquinário mundano. Em virtude dessa degenerescência, tem-se um futuro retalhado por um sistema capitalista autofágico que, tal qual o *ouroboros*, perpetua-se conforme consome a si próprio e tudo que o compõe — cresce conforme destrói tudo aquilo que ele é. Encontramos no santo a encarnação deste dilema pela análise crítica de como se dá a dimensão sacra do seu ser. Subvertemos a figura de São Jorge pela mistura do seu esforço heróico em extirpar o mal do mundo com uma ressignificação de cada elemento em sua composição. A serpente destruída pelo sacrifício do santo também representa um nível de êxtase esperançoso que para nós foi negado, um desfrutar cíclico dos movimentos da natureza que foi tomado do nosso campo de experiência pela iminência de um colapso

ambiental, econômico e social. Eis aí a dádiva que por ser impossível, acabamos destruindo na ânsia arrogante por alcançá-la.

A *Húbris*, desse modo, é o grito desesperado dos nossos tempos, um eco das vozes caídas do passado que ressoam pela história na busca cega por correspondência ou continuidade, que caíram agonizantes, mas que mesmo no silêncio imposto pelo tempo, fizeram ouvir seu flagelo não pelo som ou pela palavra, e sim pelas feridas da sua carne, que sempre estiveram lá para quem podia sentir. Excessivamente cínicos, nos integramos a esse coro uníssono de vozes dissonantes, entoando sua derrota pelas eras, mas recusando sempre a derrotar-se. Somos a insistência arrogante dos projetos derrotados, que se destruíram, mas recusam seu fim.

Sintetizo a investida do nosso projeto ao descobrir que dois amantes que inauguraram a contracultura no século XX abortaram um filho. Aquele resto que foi arrancado de seu útero, junto com os oprimidos abortados do útero do mundo pela história, é a matéria orgânica que compõe nossos corpos: nós somos os homens caídos eternamente caindo — nós somos os filhos abortados de Henry Miller e Anaïs Nīn e essa é a nossa *Húbris*.

*Homem-trapo*

*Ilustração por Caroloitos*

## *A Condenação dos Futuros Não-Assimilados*

**A** transexualidade nas sociedades onde reina o modo de produção capitalista, isto é, a sociedade moderna, a igreja do progresso, aparece como uma enorme população degenerada a ser integrada ao mundo da mercadoria, ao sonho democrático, se não o for, deve ser destruída.

E, para sua sorte ou azar, é de sua natureza prática, a incapacidade plena à assimilação. Como clama minha bárbara camarada:

O acúmulo de forças fascistas em torno do sentimento anti-trans, enquanto produto da crise do sujeito burguês (masculino), ao contrário do que se faz crer, não encontra fronteiras no interior do mercado político. Afinal, cada um dos seus representantes — os “partidos” — está apenas preocupado em se apresentar como a empresa mais competente para a tarefa da administração capitalista da crise. Assim, pode-se dizer que, hoje, um espectro assombra o mundo: o espectro transexual. Contra ele, unem-se numa santa caçada fascistas e neoliberais, social-democratas e ambientalistas, marxistas-leninistas e trotskistas, bourgeois e citoyens. - Avante, Bárbaras

Como punição, a sina transexual na sociedade democrática não poderia ser senão o maior temor de Brecht: a Miséria. E, não bastando tal maldita sina, ela ainda se adorna com requintes de crueldade. Essa Miséria não é primitiva. É uma Miséria Moderna, uma Miséria em função da Democracia e do Progresso. Como escreveu Robert Linhart em seu relato de Inquérito Operário em Pernambuco sobre a fome nas áreas “abastecidas” pelos trabalhos exaustivos nos canaviais:

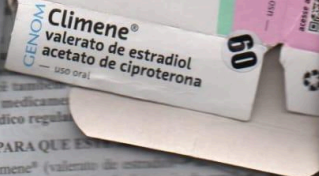
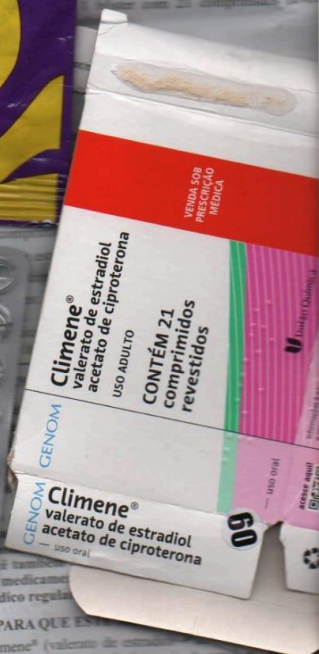
A fome do nordeste era uma parte essencial do que o poder militar chamava de “desenvolvimento” do Brasil. Não era uma fome simples, uma fome primitiva. Era uma fome elaborada, uma fome aperfeiçoada, uma fome em plena ascensão, numa palavra, uma fome moderna. Via-se assim avançar por ondas,

chamadas planos econômicos, projetos de desenvolvimento, pelos industriais, medidas de incentivo ao investimento, mecanização e modernização da agricultura. (...) Uma fome lenta, paciente, uma fome que mordisca, progredindo ao ritmo da economia de mercado. A produção sistemática de uma humanidade subalterna, reduzida a uma existência quase vegetativa, mas donde o capitalismo retirava uma força de trabalho.

Quando cantarmos a Internacional, é dessas vítimas da Fome-Miséria (Moderna!) que devemos lembrar. Desses famélicos da Terra, que nem Terra têm para caírem mortos.

E, quando chegarmos nos trechos finais desse antigo cântico (que um dia fora um hino), lembremos que não só “Bem unidos”, como bem unidas (e nesse momento, lembrem-se das degeneradas, das renegadas, das bárbaras) “ façamos nesta luta final”, que não é, meramente, construir uma utopia desenvolvimentista e democrática “bem-intencionada”, mas sim: “Uma terra sem amos”, isto é, o Comunismo, um mundo sem classes, um planeta a se chamar de “A Internacional”, pois só a experiência histórica dos Esfarrapados do mundo e das vítimas democráticas pode nos mostrar que, como dizia Clarice Lispector: Liberdade é pouco. O que queremos não tem nome, mas sabemos que só a luta de classe contra classe até a vitória final pode nos trazer esse mundo e que esse mundo só será ele mesmo se tivermos o “Direito Absoluto sob nossos corpos”(Lohana Berkins) e mentes e vidas.

*Maira Dias*



Lote: A00823 02/2025  
Fabricação: 01/2028

Validade:

Contém 1 tubo de 80g de estradiol hemi-hidratado

USO ADULTO  
VIA TRANSDÉRMICA

**Contém 1 tubo de 80g + válvula dosadora**

**VENDA SOB PRESCRIÇÃO**

REGISTRO: 1.8759.0002.002-2

Produzido por:  
Besins Manufacturing Belgium  
Drogenbos - Bélgica

Importado e Registrado por:  
Besins Healthcare Brasil  
Com. Dist. Med. Ltda.

Av. Monte Líbano  
(LOT M II P I LOGÍSTICO),  
1.481, Anexo 1.507  
Jardim Ermita I - Jundiaí - SP  
CNPJ 11.082.598/0003-93

7 898948 648179

1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO FUNCIONE?

Climene® (valerato de estradiol + acetato de ciproterona) é um medicamento destinado à terapia de reposição hormonal para alívio dos sintomas associados à menopausa e osteoporose na pós-menopausa.

A ação destes medicamentos está relacionada com a correta utilização das indicações e contraindicações que são de caráter benéfico para a saúde e segurança do tratamento.

2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

Climene® (valerato de estradiol + acetato de ciproterona) contém dois tipos de hormônio, o valerato de estradiol e o progestogênio acetato de ciproterona). Desta forma, este medicamento repõe os hormônios que o organismo não produz mais. O estradiol previne e/ou alivia os sintomas desagradáveis do climatério, como fogachos, sudorese, alterações no sono, nervosismo, irritabilidade, tontura, dor de cabeça, incontinência urinária, ressecamento e queimação vaginal. O acetato de ciproterona e o tratamento com dias de intervalo estabilizam o ciclo menstrual em mulheres que apresentam útero. Converse com seu médico para obter maiores esclarecimentos sobre a ação do produto e sua utilização.

sanguíneos das pernas ou dos pulmões, se você e se você tem veias varicosas. Se você já usou de estradiol + acetato de ciproterona), use com antecedência sobre qualquer hospita programada. O risco de trombose venosa pode temporariamente com cirurgias de grande gravidade ou imobilização prolongada.

- miomas uterinos;
- presença ou histórico de endometriose (o revestimento do útero em locais onde não

## *Fausto Demente, entre a Utopia e a Perdição.*



“Buscar em cada experiência a própria perdição. O homem progride porque é desgraçado, e se aperfeiçoa em desgraça e para a desgraça. Que eu me reduza a um monte de destroços: é possível que outro lado surja então, fecundo. Por isso não pergunto coisa alguma.”

**É** de dentro da Boca do Lixo de São Paulo que sai o mito fáustico brasileiro pela segunda vez. O primeiro, realizado na literatura por Guimarães Rosa, indica seu lugar marginal diante dos

processos de modernização do país — e se Riobaldo avisa ao doutor no início da história que aquele sertão que ele esperava não existe mais, Filme Demência parte do mesmo cenário de ruínas. No centro econômico brasileiro, agora, como resultado do progresso, só restou o desencanto metafísico, a morte da Utopia, a falência do projeto iluminista e a recusa da lógica racional capitalista, em um encontro do cinema marginal cafaeste com a Tropical-melancolia.

Fausto Murnau, nosso protagonista, é criado para ser o homem moderno: de família burguesa, educado, pai de família, herda a fábrica bem-sucedida do pai para administrar. Diante da crise econômica de 1980, entretanto, e da recusa de praticar “acertos” como o pai, vê sua fábrica de cigarros Éden ser levada à falência e seu casamento chegar ao fim. Confrontado pela falta de sentido, pega uma arma com o porteiro do prédio e sai pela noite de São Paulo em busca de Mira-Celi, seu paraíso perdido imaginário. “O espírito não olha adiante nem atrás; o presente apenas”. É assim

que Fausto vai viver as próximas horas. Esse Fausto será tanto odisseico quanto órfico em sua jornada, a busca por uma utopia.

Estilisticamente, o filme se utiliza de elementos do melodrama, da pornochanchada e do cinema experimental. Com fotografia contrastada, música dissonante (fortemente inspirada na oitava sinfonia de Mahler) e montagem descontínua como recursos para contar sua história, “esse modernismo plural no cinema, do marginal e experimental, nos aproxima da própria dinâmica ‘perversa polimorfa’ da cultura de massa capitalista, capaz de sínteses impensáveis”<sup>1</sup>. Através da “estética suja”, característica marcante do cinema marginal, com imagens granuladas, som estourado e atuações teatrais ou caricatas, a precariedade tomada como linguagem reforça os aspectos narrativos do filme pela recusa das convenções da indústria cinematográfica, absorvida em sua própria forma.

O filme, então, vai se estruturando como um fluxo de associações oníricas, alternando cenas de erotismo, violência, memórias fragmentadas e delírios visuais, criando uma desorientação sensorial no espectador similar à desorientação frenética do próprio Fausto. Inspirado pelos surrealistas, Reichenbach trabalha aqui o desejo e as cenas sexuais como força disruptiva — não mero prazer, mas energia que desestabiliza a ordem social e racional. Como em seus outros filmes, o erotismo em suas chanchadas aparecem menos como estímulo sensorial do que como linguagem de crítica: o corpo não é objeto de prazer, mas lugar de revelação e transgressão, as cenas eróticas não buscam excitação, e sim estranhamento, e até repulsa. São momentos em que a linguagem racional falha e o desejo se manifesta como força caótica, revelando a violência e a solidão sob a aparência de liberdade sexual.

---

<sup>1</sup> BENTES, Ivana. Trópico pelo avesso. Antropofagia, Carnavalização e a relação do cinema brasileiro com o Modernismo. *Cienc. Cult.* [online]. 2022, vol.74, n.2, pp.1-9. ISSN 0009-6725. <http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20220026>.

Se Fausto, ao longo de sua tradição — em Goethe, Murnau, Mann e Rosa — realiza o pacto com Mefisto como a concretização da modernidade, o Fausto de Reichenbach tem um pacto às avessas. Mefisto aparece pela primeira vez na porta do Cine Marabá, e várias outras vezes, tentando selar o pacto. Mas dessa vez ele não é concretizado: esse Fausto é herdeiro da tradição, e a história, que originalmente acompanha esse sujeito em sua busca por sentido em diversas esferas, dessa vez tem como ponto de partida o final do clássico. Enquanto o Fausto de Goethe tem sua jornada pela negação repetida de seu ego em busca da transcendência, e fracassa todas as vezes, o Fausto de Reichenbach já conhece seu legado: é somente na negação que ele se reconstrói, e sua única aproximação com a verdade é no fracasso. E por conta disso, Mefisto não tem mais nada a oferecer.

Fausto, portanto, não faz o pacto porque ele já foi feito — dizendo que não teria “nem mais alma pra dar”, essa versão se coloca, não como uma atualização ou releitura de Fausto, mas como o sucessor dos Faustos (e dos pactos) anteriores. O inferno não está mais além, metafisicamente, no fim da jornada, mas é o próprio cotidiano urbano em que ele vive: um labirinto de desejos frustrados, corpos despersonalizados e imagens em decomposição. Não existe libertação possível para o herói moderno, e nem sequer a busca — as utopias acabaram para ele e o que ele acreditou ter visto de si mesmo era apenas um espelho fragmentado. Só resta, portanto, voltar à alienação, “foder, foder... talvez gozar”.

Reichenbach localiza seu mito fáustico, portanto, não como busca pelo conhecimento, dominação ou transcendência, mas como crítica à promessa de redenção desde a partida. Ao invés do sábio que quer decifrar o mundo, o músico genial obcecado ou até mesmo o jagunço em busca de ascensão, seu Fausto é o homem comum e medíocre, com nada a desejar — burguês, impotente, preso à lógica do lucro e à fantasmagoria das imagens. A “demência” do título, assim, tem um duplo sentido: é tanto um sintoma do esgotamento

dos valores e ideias dessa modernidade, que culminam na alienação, quanto um sinal de resistência à racionalidade instrumental (à lógica do lucro, da produção, da eficiência). A modernidade é “demente” porque perdeu o contato com o real, substituído por simulacros, e a racionalidade provou sua tendência à autodestruição — dessa forma, pela negação desde o início dos valores que moviam a jornada dos Faustos anteriores, a exploração dessa vez é feita através do caos, da aleatoriedade e da loucura, e não à toa, o filme encontra seu emparelhamento na vanguarda surrealista.

É importante ressaltar, entretanto, que esse Fausto não espera mais por nenhuma salvação: o surrealismo de Filme Demência não é saída, é crítica e melancolia — não celebra o irracionalismo, mas o expõe como resultado da alienação moderna, questionando os limites e noções de racional e irracional. Reichenbach transforma o inconsciente em campo político exatamente como os surrealistas desejavam, classificando seu Fausto como “o desespero do conhecimento”, onde toda a felicidade, relativa ou absoluta, está fora de cogitação.

Reichenbach consolida sua crítica no destino condenado e irracional de Fausto, que sonha com sua libertação mas permanecerá sempre preso ao inferno, refém de um pacto fantasmagórico que nunca se apresenta. Encerra seu Fausto entre a ruína e o delírio. Seu herói não quer mais o saber nem o poder — quer apenas a vertigem de continuar. O mito, agora, não é o da busca por sentido, mas o da sobrevivência através da alienação e da repetição: o Fausto brasileiro vaga entre os destroços, consciente demais para crer, lúcido demais para se salvar. Ainda assim, ainda, à espera da utopia.

*Fanini*

*Ilustração por Jean Rustin*

## *Alienação e ressonância*

A ingenuidade e o otimismo só são perdoáveis nas crianças. O contato imediato com o mundo, que algumas filosofias pretendem recuperar diante da degradação, não nos parece possível pelo simples motivo de que não podemos ignorar tudo aquilo que seria necessário soterrar para sua realização. O esmagamento de tudo o que torna a vida suportável, perpetrado pela lógica da utilidade, em si mesma também subordinada ao lucro, impossibilita *a priori* qualquer retorno ao originário. Afinal, como poderíamos passar por cima do fato de que também aquilo que amamos pertence às mesmas forças que, dia após dia, nos privam de nossa substância? Não, não deve haver nada antes disso. Não pode haver. Trata-se de uma realidade na qual mesmo o que há de mais elevado arrasta consigo as marcas da barbárie. Qualquer tentativa de conjuração desse estado será vergonhosa.

Perguntamos se a insistência na ressonância não depende de uma certa cegueira, voluntária ou não, para a reciprocidade entre o mutismo e o som. Assim, para usar uma expressão popular, coloca-se o carro na frente dos bois e não se preocupa em interrogar se a ressonância é realmente pensável em um contexto onde tudo já é espoliação, oferecendo-a como uma saída certa para uma construção da qual não é conhecida muito bem sequer a planta. Não é de todo reprovável o esforço de oferecer um conceito antitético, claro, mas é indispensável, se o rigor tem de ser mantido, observar seus limites. Parece-nos estranho, para dizer o mínimo, discutir uma alternativa já de algum modo presente no cotidiano, uma vez que ele próprio está desde sempre em vias de desintegração. De forma que todo o empreendimento parece marcado por uma lacuna estrutural dificilmente ignorável, da mesma maneira que o espectro de uma pendência torna desconfortável o cumprimento das atividades cotidianas.

Dito isso, não discordamos da existência da ressonância. Ela está presente e, de fato, pode ser o outro da alienação. Se os conceitos de alienação e reificação expressam, na tradição marxista, a hostilidade e a indiferença do mundo desencantado do lucro e da mais-valia, é bem natural que a sua superação aponte para a direção da comunicação, seja ela dada entre homens e homens, seja ela dada entre homens e coisas, seja ela dada até mesmo entre coisas e coisas. O que nos incomoda, aqui, é o seu sentido crítico dentro da concepção de crítica que adotamos. Não é estranho, para nós, perguntar se, para a efetiva superação desse mundo, não precisamos, na verdade, de mais alienação. Somente porque não somos alienados o suficiente, ou seja, somente porque não conduzimos até as alturas do ódio o nosso desengajamento, que nos permitimos, ainda, na ilha do nosso conforto doméstico, gozar daquilo que chamamos de ressonância. Tomo num sentido específico o conceito de alienação, mas, seja como for, talvez a assimilação da falsidade e a raiva que nela se origina seja mais decisiva do que a tentativa de restabelecimento de nossos eixos ressonantes. A ressonância tenta pensar um outro mundo dentro do mundo. Na reflexão radical, ela se situa, logo, dentro do que deve ser deixado para trás. O que temos em mente, no final das contas, é muito mais parecido com o silêncio eloquente das ruínas, que só falam através daquilo tudo que calam.

Por melhores que sejam os argumentos e as intenções sob os quais o projeto do restabelecimento da ressonância se baseia, repetimos: é estranho, para dizer o mínimo, querer falar disso *agora*. Tudo o que ressoa, hoje, se manifesta ao lado de um abismo que a tudo vem engolindo. As esferas de ressonância, que criamos e mantemos como proteção contra o grande exterior da alienação, não conseguem esconder seu desconforto, pois a vinculação a esse estado não pode ser rompida por meios não-destrutivos. Pouco importa, no fundo, se nós estabelecemos eixos de ressonância com isso ou aquilo. O mal-estar que essa ideia nos causa está ligado, entre outras coisas, ao fato de que mantemos esses eixos também com aquilo que há de

mais baixo e violento nessa realidade. Que sintamos certo prazer em estar, no meio de tudo, relativamente abrigados e que cheguemos até a acreditar que somos, por qualquer razão obscura, melhores do que aqueles que não se comunicam com nada. Não podemos aceitar essa promiscuidade. As alternativas, decerto, serão dadas em outros termos. É tudo o que podemos afirmar por entre paisagens cobertas de cinzas.

*Matheus Celestino da Silva*

## *Da cor que ninguém mais possui*

**S**e o Pete morreu, quem sobrou? Quem organizou o velório? E o enterro? Quem levou a coroa de flores e o lanche? O Repete deve ter ficado bastante triste. Quando acaba, acabou. Era o que ele sempre falava. Deito e reflito sobre o dia. Meu deus é o meu travesseiro. Como eu continuo agora? Vivendo como sempre? Sem você? Como se nada tivesse acontecido? Lendo textos e tentando organizar a



rotina. Bibliografia sobre as pequenas propriedades no Brasil Império. Eu sabia que doía tanto mas não sabia que seria agora. A sala, o jardim, o desodorante, a camisa polo, a porra toda. Tinha que ser agora? Quem apagou a luz? Tinham que apagar a luz? Beber café até esquecer. Nunca vou esquecer. Beber café até acostumar. Só bebo com amigos. Não bebo de segunda-feira porque tenho medo do metanol. Tenho medo de bicicletas. Tenho medo de um monte de coisas. “É... Agora segura o rojão”. Que porra de rojão. Não fui eu quem segurou o rojão. Não fui eu nem quem estourou o rojão. Ele estourou sozinho. Sem aviso. Tava cansado demais para se manter na caixa. Eu só tenho que lidar com as faíscas que caíram dele. E elas queimam a pele. Ardem sem parar no meio do peito. O trem das onze passou e eu fiquei. Nós não fumo junto com ele. E não tem problema nenhum em falar errado. Acho que é a demonstração de que você está tentando. Ou então pode ser uma forma de protesto. Protesto contra tudo e contra todos. Protesto contra a reposição de aula no sábado e contra Israel. Se a gente realmente tivesse esse poder. Às vezes falar errado tem mais poder que acampar no VÃO. Mais poder que o piquete. Bem, pelo menos o piquete acaba com a reposição de

sábado, ou impulsiona ela. Não sei. O sentimento não é nosso. Vem de fora. Ele consome a gente. Sequestra a gente. Eu já estou sequestrado a novecentos e vinte e dois dias. A tristeza é o pior. Vem sem avisar e te dá uma cacetada na cabeça. Te dá uma voadora nas costas e ainda te manda tomar no cú. Falam que ela vem para transformar. Transformar o que exatamente? A raiva vem pra transformar. Ninguém pega em armas quando está sossegado. Ultimamente a tristeza é só triste. Vem só pra entupir o nariz. Só pra te fazer sentir falta de quando o nariz não estava entupido. Esse papo de divertidamente cansa. Coisa fascista para ficar resignado. A dor só serve pra parar de doer com o tempo. Chorar até cansar de chorar, dar um tempo, e chorar de novo. Pelo menos tem a família pra chorar junto. A namorada pra passear. O metanol pra beber com os amigos. No fim é preciso dar um jeito de viver. Acender a luz de novo. Nem que seja com uma vela. Tomando o cuidado de espantar os mosquitos que vão em direção ao fogo. Talvez eles não estejam tão errados. É reunir os caquinhos e repetir. Repete. Repete. Porque o Pete se foi e eu tenho que continuar sem ele.

Ao meu pai

*Zucolo Santos*

SE MULHER  
NÃO É UMA  
PERFORMANCE?

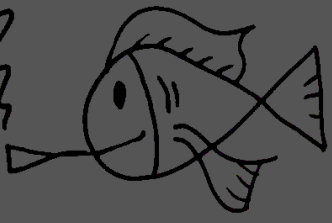
nem a <sup>uma</sup> <sup>privilegiada</sup>  
**TRANS** <sup>em uma</sup> <sup>GRIDA</sup> <sup>em uma</sup> <sup>FORMESE</sup>  
VOCÊ & ENTÃO LORADA

gras...  
por...  
de...

para Mario Zingoni  
(11/10/2014)  
da dor



ALIANÇA...  
...  
...



## *A Teosfera do Éden como Cosmogonia Travesti*

*Quando no alto, não nomeado firmamento  
Embaixo o solo, por nome não chamado*

Nasce no Éden o oceano cósmico, na separação das águas nasce um corpo não nomeado de braços longos como o rio, peito farto como a terra e tórax partido para a ascensão de reis. O Éden é o fundamento da *Húbris*. O Éden é o nascimento dos deuses, é o corpo da origem, é o rito de passagem, a transfiguração de Augusta Oceana.

*Avinu malkeinu kalehchol tsar  
Umastin mealeynu*

Antes do princípio havia o rizoma e havia o Verbo. A metamorfose da carne através da água. A matéria vê sua possibilidade nas marés e o corpo-verbo é sempre um naufrago. No princípio criou-se os céus e a terra e todas as vidas terráqueas que habitam o horizonte. Primeiro dia: a cabeça e dela as águas-vivas germinando feito deuses. Segundo dia: os ombros e deles as criaturas aladas que sobrevoam a face do sol. Terceiro dia: os joelhos e deles as veias abertas que conjuram Tigre e Eufrates ao coração das Asherás. Quarto dia: os pés e deles as raízes do altar, o firmamento da criação, o microcosmo do tabernáculo. Quinto dia: os olhos e os óleos, os unguentos e matrizes que esmalteiam as cores da *Húbris*. Sexto dia: a carranca que vai à frente dos olhos como guarnição dos ossários. Sétimo dia: o shabbat — o descanso para todos os que não tem a sua carne violentada dia e noite. Um templo no espaço ou um palácio no tempo, um gemido que soa como uma litania dos corpos que desejam existir. A água pariu as flores, refez os meus desenhos e diluiu meus medos. Sempre acreditaram que flores eram mães; eu posso ser flor, mas não posso ser mãe.

Lira glauca a prece para Exu, ladainha decolonial da Babilônia, um corpo ferido, um corpo de demônia, faz o Mar Vermelho ganhar cor. Tela viva do templo de Sião, labareda fálica e vertical, um corpo vivo, um corpo anti-ocidental, faz da lira o umbigo da dor. Sou Shamhat criadora da epopeia, sou abjeta, fálica, incircuncisa, filisteia. Shemá amonay la odisseia, Baalot baalim la verborreia. Lira glauca na navalha debaixo da língua, aqui é morrer ou matar, que a cegueira deflore a mímica e que o rio um dia vire mar.

Torno-me a Lilitu Diana, torno-me a pagã tebana; Mãe nossa, nos salve, Maria, da lei de morrer ou matar. Mãe do mar, proteja os navegantes, Janaína, finícios flutuantes, Jerusalém adornada em ouro inscrita em glosa. Sou cabocla, laranjeira nordestina, de Inana zigurate feminina, e El, no seu trinfo, entrega-se à pagã mais que formosa. Torno-me Eva sangrada, torno-me Gaia violada; Mãe nossa, nos salve, Maria, da lei de morrer ou matar.

*Avinu malkeinu*  
*Kotvenu b'sefer chayim tovim*  
*Avinu malkeinu chadesh aleynu*  
*Chadesh a leynu shanah tovah*

E agora neste sertão sem vida, não se vê asa branca nem cajuína, não se vê a estrela prima-flor, a tangerina, híbrida terra mais garrida. Do Éden que nasce a potência, a matripotência das pétalas do rosário, essa seca espiritual que invade nossas corpos, o mais recôndito do coração sacrário. Em meu nome habita o mapa da Acádia, habita toda a dor e a fome; a fome mais que física, é a fome de vida, fome de não mais pedir para respirar, fome de quando seremos livres do rio ao mar.

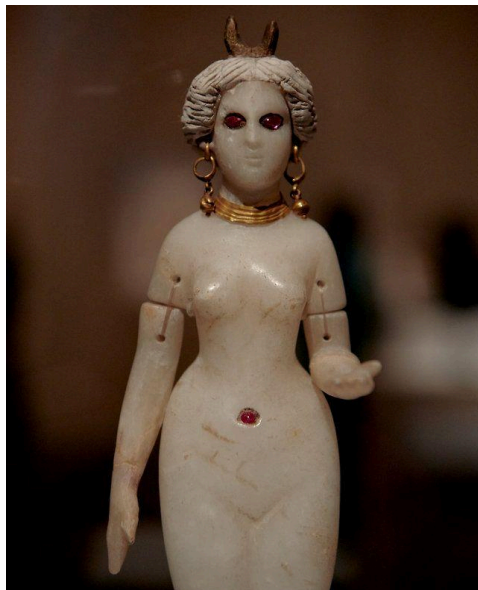
Dor. A dor move a memória do corpo. Quando se parte a terra fica exposto o sheol, quando se parte a carne fica exposta a barbárie.

A dor é o lugar mais fundo  
É o umbigo do mundo  
É o fundo do mar

Este testemunho é a memória do corpo que nos foi negado desde o princípio. Princípio é separação, o Éden é além do princípio, é a verborrágica forma da Gênese. O Éden é o fundamento da *Húbris* transmutada na esperança da redenção. E neste cosmorama divino, já consigo ver os lírios do campo.

*Divina Ereškigal,  
Doce é louvar-te*

*Demônia Anti-ocidental*



## *Idílio cadavérico*



“Desejos: cabana modesta, telhado de palha, porém uma boa cama, comida gostosa, leite e manteiga bem frescos, flores em frente à janela, belas árvores defronte à porta, e se o bom Deus quiser me fazer totalmente feliz, que me conceda a alegria de ver, nessas árvores, cerca de seis ou sete de meus inimigos enforcados. – De coração comovido hei de perdoar, antes de suas mortes, todas as infâmias que me infligiram em vida – sim, temos que perdoar nossos inimigos, mas não antes de serem enforcados. – Perdão, amor e compaixão.”

*H. Heine*

**A** “índole pacífica”, segundo o poeta Heine, se encontra na consciência que pressente a necessidade do perdão sem, entretanto, perder de vista a injustiça que seria cometida caso a infâmia perpetrada não seja expiada. O que parece ser uma contradição explícita entre a bela cabana e os cadáveres pendulando sob os galhos, em que se passa da execução de seus inimigos para o lamento pelas suas mortes de uma maneira aparentemente paradoxal, registra na verdade uma dialética moral. Nela se encontra um estado ultrapassado, mas que se perpetua como um estorvo, pois o sonho de Heine se atrofiou. Nesse conflito se expressa, com admirável força, o convívio necessário entre a violência da justiça e a humanidade da compaixão. A faculdade moral do poeta não era estranha ao que afetava a consciência burguesa nesse estágio da história: o conflito entre o rigor da lei e o impulso moral. Sem esta, não haveria um comportamento moral, muito menos se faria justiça àquilo que em nós dói, sofre e deseja. Mas sem aquela, a arbitrariedade e a cegueira

daquilo que não é comensurável com a nossa razão tomaria conta do discurso moral, perpetuando a barbárie que, por intermédio do impulso, motiva a razão a abolir o sofrimento. Kant e Schopenhauer foram os representantes máximos daquilo que, em um certo sentido, já estava socializado na medida em que constituía o indivíduo burguês. Não deixa de ser significativo que Aristóteles via um caminho do meio entre o vício e a virtude excessiva, quase como que alheio ao abismo que hoje há entre o rigorismo moral e a ética da compaixão. O abismo ainda sobrevive na configuração atual da dialética moral. Entretanto, se os filósofos burgueses erigiam a sua moralidade por meio da contraposição com o seu outro, e aí residiria o brilho de seus sistemas, o poeta escolhe perambular por entre essa contradição. Caminhar pelo abismo: perdão no âmago da punição, violência que irradia da absolvição. Sua prosa, que brinca até o fim com os signos do cotidiano herdados pelo romantismo e beirando à modernidade, elabora ao máximo as duas facetas do esclarecimento. O que não surpreende, uma vez que Heine foi o predecessor modernista de Baudelaire. “Nele confluem a *Aufklärung*, o *Sturm und Drang*, a Revolução Francesa e a Escola Romântica”.<sup>2</sup> Mas esse perambular, essa imagem evocada na prosa, não se libertou dos resquícios de uma ingenuidade burguesa, por mais louvadamente comprometida que seja com “uma sociedade justa, a ideia de uma felicidade irrestrita”.<sup>3</sup>

A verdade grita através do aparato idealista de Hegel quando ele responde à suposta incognoscibilidade da contradição com a asserção de que “a contradição é, antes, uma existência efetiva na dor do ser vivo”.<sup>4</sup> Contradição é sofrimento; pensamos a contradição

---

<sup>2</sup> Heine, Heinrich. *Heine, heim? Poeta dos contrários*. Introdução e traduções de André Vallias. São Paulo: Editora Perspectiva; Goethe-Institut, 2011, p. 32.

<sup>3</sup> Adorno, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 128.

<sup>4</sup> Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da Lógica: 3. A Doutrina do Conceito*. Traduzido por Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2018, p. 255.

na medida em que se vislumbra sua abolição. A ironia do jogo prosaico heineano, antes de ser aquele ato sintetizador que eleva a contradição até um estado de vida elevado, revela em verdade a impotência do sujeito moral. Nem mesmo a glorificação hegeliana do papel da negatividade no processo vital seria capaz de dissolver esse problema. Ao mesmo tempo que o enforcamento idílico é uma dialética ultrapassada, ele tornou-se perene com a emancipação frustrada do mundo. Ela expõe, por meio de um contraste moral que é sem sombra de dúvidas politicamente inflamatório, o *telos* do cenário romântico. Não há refúgio bucólico se a violência do inimigo não for expurgada; todo sonho tem a sua realização frustrada pela permanência do opressor. A “resolução” do conflito, entretanto, reproduz-se internamente no desejo daquela que busca paz. O idílio torna-se mausoléu, ruína que preserva uma febre vingativa. A angústia gerada pelo cenário perturbador, todavia, é exorcizada, como que por um toque de mágica, pela imagem do homem comovido, que perdoa quem não está mais lá, quem não pode mais ser salvo. O paradoxo persiste, mas é apenas com a inversão de suas cores que trazemos à tona a contradição real. Ante a barbárie cometida pelo inimigo, “a liberação seria uma injustiça nua e crua”, mas “a justa expiação seria contaminada pelo princípio da violência assassina, sendo que a humanidade não seria outra coisa senão uma resistência a essa violência”.<sup>5</sup> Nem uma, nem a outra são alternativas boas, e seu convívio é nada senão a reprodução do antagonismo que constitui um idílio falso. A verdade não pode se contentar com a insânia objetiva desse estado de coisas, mas sua insolubilidade não deve ser escamoteada — num mundo falso, a moral não pode ser nada além de um problema, por mais que ela anseie pela vida certa. E isso não deixa de pautar a existência de cada vivente. Heine nos mostra que confundir postura moral e permissividade não passaria

---

<sup>5</sup> Theodor W. Adorno. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova e revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 238-239.

de uma apologia à suposta “neutralidade” da razão civilizada e que ela mesma seria imoral. Mas a própria possibilidade de responder à injustiça é amaldiçoada pela regressão a uma violência cega, enraizando o elemento desumano no âmago da moralidade, que não seria nada senão a promessa de humanidade. A hipocrisia do perdão é salva pela ironia de uma absolvição que só pode ser praticada por meio da execução. A ironia, todavia, faz troça do que a salvação deveria ser: “O fato de nenhum aprimoramento intramundano ser suficiente para fazer justiça aos mortos; o fato de nenhuma justiça alterar a injustiça da morte, impele a razão [...] a esperar contra a razão”.<sup>6</sup> Porque a civilização não passa de uma modernização da barbárie que ela supostamente diluiu, o pensamento consequente recusa com prontidão qualquer resposta que dê continuidade ao seu princípio. Aquele que quer ir além da indigência imanente à essas experiências precisa ver o que não é através das coisas tal como elas são. Eis porque a justiça e a liberdade são tão difíceis de se pensar para além desta antinomia.

Numa universidade, espancam um assediador de mulheres conforme ele está sendo escoltado pela polícia em nome da justiça, como se se realizasse algo além do princípio da violência que a justiça supostamente conjura. Há algo de arbitrário, excessivo e cego nisso. Porque o responsável pelo crime hediondo exala desumanidade, o indivíduo comum, que é *a priori* violento – afinal, todos aqueles que são subsumidos pela sociedade são embrutecidos –, encontra a oportunidade de exercer seu ódio contra algo, pois o criminoso teria supostamente renegado o privilégio de ser visto como humano. Mas o problema é que seu crime é demasiadamente humano, e não seria explicável senão pelo estado catastrófico em que nos encontramos. “Certamente, os homens encontram-se sem exceção sob encanto, ninguém é já capaz de amor, e, por isso, cada um se sente pouco amado”.<sup>7</sup> A punição e o castigo não seriam

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 319.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 301.

meramente irracionais, como profundamente alheios a qualquer forma moral passível de legitimação. Encontra-se um respaldo disso no perdão, pois ele só pode ser na medida em que se direciona indiferenciadamente a todos; segundo seu conceito, não haveria a possibilidade de perdão se existisse algo absolutamente imperdoável. Não obstante, nesse ato se expressa a insuportabilidade da situação, o fato de que inúmeros estupros e assédios ocorrem e que a lei não é suficiente para salvar as vítimas. Que nobreza haveria em perdoar o agressor sem salvar a vítima? Isso também encontra seu respaldo no perdão, pois a sua força e motivação se alimentam do mesmo impulso que reage colericamente à injustiça. Quando se debatia a liberação dos algozes de Auschwitz, um crítico concluiu que “se tivéssemos fuzilado sumariamente os encarregados da tortura juntamente com os seus mandantes e os seus protetores extremamente poderosos, isso teria sido mais moral do que abrir um processo para alguns deles”.<sup>8</sup> Mesmo sendo uma continuação do princípio da violência, a reação se torna paradoxalmente mais moral que os dispositivos civilizados, que distribuem direito e liberdade de maneira desigual e, portanto, injusta. Eis o que levou Adorno e Benjamin a ponderarem que “a aplicação da pena de morte pode ser moral, mas nunca a sua legitimação”.<sup>9</sup> Há uma aporia moral na situação que nos permite apenas enforcar o inimigo ou condenar a sua vítima ao esquecimento, reforçando a sua condição miserável no mundo. O paradoxo se repete quando um fascista morre: os reacionários tomam vantagem do discurso formalista da justiça e nos acusam de hipocrisia, mesmo que o punitivismo seja sua ideologia enfática, enquanto que a sua oposição, ao invés de se deter num juízo reflexivo sobre a podridão do padecido, goza com a morte, tal qual um fascista comemora a morte de um bandido. Se é verdade que “se eu não odiar

---

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 239.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 239.

o mal, não posso amar o bem”,<sup>10</sup> é igualmente verdade que a imagem de um mundo melhor se encontra inexoravelmente emaranhada com um desejo assassino e, portanto, condenada pelo mesmo. Todas as imagens positivas de justiça evocam secretamente a devastação de um outrem para se erigir, falseando o princípio com o qual ela se compromete. O assassinato de Charlie Kirk repete em miniatura esta dinâmica. Quem reitera o valor inquestionável da vida humana quando confrontado com as possíveis críticas ao padecido é hipócrita e participa irrevogavelmente da barbárie do mundo, especialmente quando ignora as multidões esfomeadas na Palestina ou a chacina policial na favela.

O enforcamento idílico teria seu momento de verdade, então, no traço mais horripilante da sociedade: a distribuição universal porém desigual de injustiça. Essa verdade depende da estrutura amaldiçoada desse mundo e não da cômoda imagem da “justiça bem feita”. A comoção e o perdão, após o enforcamento, não tem seu lugar porque o assassinato pode ser legitimado, mas porque não há outra coisa a se fazer. A morte de um demagogo fascista, antes de abolir, participa do processo real da sociedade. Pouco se conquista ao matar o indivíduo e não a estrutura que possibilitou o mal em primeiro lugar — não há nada a celebrar. Há muito tempo perdeu-se a capacidade de esboçar uma saída para essa encruzilhada que não tem como seu “ponto final” o assassinato. A dialética moral se mantém antinômica. O certo, porém, é conservado na resistência do pensamento que se detém no negativo da situação e que se recusa a sancionar sentenças assassinas. Tal resistência preserva um resquício daquela sensibilidade moral que, quando confrontada com um cadáver baleado, é capaz de nos convencer de que pouco importa quem essa pessoa foi ou o que ela fez. Sentimos desde dentro a contingência do destino dessa pessoa e como as coisas poderiam ter

---

<sup>10</sup> “August Strindberg, *Schwarze Fahnen*, Munique/Berlim, 1917, p. 254” *apud* Theodor W. Adorno. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 65.

transcorrido de modo diferente; na vida certa, isso não precisaria acontecer. Nesta, não haveria mais a moral. A moral é o encadeamento de problemas: ela surge depois da perda de autoevidência das práticas comuns e tem seu lugar na medida em que algo não está certo. A frieza da paz perpétua considerada pela razão, pura demais para descer ao nível do vivente empírico, deve convergir com a felicidade antecipada pelo impulso: um estado de liberdade sem moralidade. A recusa que defendemos aqui conserva a componente utópica pressentida pela moralidade do Esclarecimento, mas que em igual medida rejeitamos enquanto doutrina. Honramos seus fins e declinamos seu sistema, porque nosso horizonte é extrapolado da infelicidade universal desencadeada pela sociedade burguesa. O verdadeiro esclarecido nega a civilização, uma vez que “a libertação do espírito não foi uma libertação dos homens, e por isso tampouco uma libertação do espírito”<sup>11</sup>. Ao contrário, o estado de liberdade só é possível quando as pulsões não se manifestarem mais de modo destrutivo. A prosa de Heine preserva seu momento de verdade na ferida que o cadavérico produz na cena idílica. A ferida só poderia cicatrizar em um mundo em que perdão e justiça não mais dissimulam um ao outro.

*Neurótico-obsessivo*

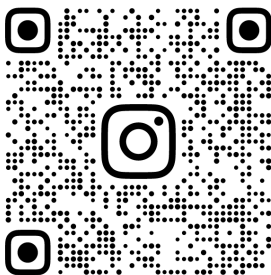
*Ilustração por Ivan Seal*

---

<sup>11</sup> Adorno, 2003, p. 130.

## Colaboradores:

*Camilo de Jesus · Homem-trapo · Moira Dias · Fanini · Matheus Celestino  
Zucolo Santos · Demônia Anti-ocidental · Neurótico-obsessivo  
Caroloitos · Rodrigo Meias · Giulia Silva Ferreira · Ana Clara Beltran*



@REVUEXHUBRIS